

OS CURSOS DE ENFERMAGEM DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA E O INÍCIO DA ENFERMAGEM PROFISSIONAL NO BRASIL¹

THE BRAZILIAN RED CROSS TRAINING SCHOOLS FOR NURSES AND THE ORIGINS OF PROFESSIONAL NURSING IN BRAZIL

LOS CURSOS DE ENFERMERÍA DE LA CRUZ ROJA BRASILEÑA Y EL INICIO DE LA ENFERMERÍA PROFESIONAL EN BRASIL

Maria Lúcia Mott²
Maria Alice Tsunehiro³

RESUMO: O artigo discute as origens da enfermagem profissional no Brasil e o papel das escolas de enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira, criadas no Rio de Janeiro, no período da década de 1910. A pesquisa baseia-se na análise de diferentes tipos de documentos como artigos, manuais de enfermagem, estatutos, relatórios, entre outros. Aponta para a necessidade de se repensar afirmações cristalizadas na bibliografia da História da Enfermagem Brasileira, com relação à vinculação entre a chegada ao Brasil das enfermeiras da Missão Rockefeller e a profissionalização da enfermagem no país e o papel de precursora na formação de enfermeiras atribuído à Escola de Enfermeiras Dona Anna Nery, fundada no Rio de Janeiro, em 1923.

PALAVRAS-CHAVE: história da enfermagem, escolas de enfermagem, profissão de enfermagem, Cruz Vermelha Brasileira

ABSTRACT: This article discusses the generation of professional nursing in Brazil and the role of Brazilian Red Cross Training School for Nurses, founded in Rio de Janeiro, in 1910. The analysis is based on different sorts of documents such as articles published in medical journals and advertisements published in daily newspapers, nursing manuals, statutes, minutes of meetings. It discusses recurrent crystallized statements presented in the History of Brazilian Nursing, such as the relation between the professionalization of nursing in Brazil to the arrival of the Rockefeller Mission, and the importance attributed to Dona Anna Nery School of Nursing, founded in 1923 in Rio de Janeiro, as the precursor of nursing education in this country.

KEYWORDS: nursing history, schools of nursing, nursing profession, Brazilian Red Cross

RESUMEN: El artículo discute los orígenes de la enfermería profesional en Brasil y el papel de las escuelas de enfermería de la Cruz Roja Brasileña, creadas en Rio de Janeiro, en la década de 1910. La investigación se basa en el análisis de diferentes tipos de documentación, como artículos, manuales de enfermería, estatutos y relatorios. Apunta la necesidad de repensar afirmaciones cristalizadas en la bibliografía de la Historia de la Enfermería Brasileña, respecto a la vinculación entre la llegada al Brasil de las enfermeras de la Misión Rockefeller y la profesionalización de la enfermería en el país y el papel de precursora en la formación de las enfermeras atribuido a la Escuela de Enfermeras Doña Anna Nery, fundada en Rio, en 1923.

PALABRAS CLAVE: historia de la enfermería, escuelas de enfermería, profesión de enfermería, Cruz Roja Brasileña

Recebido em 12/06/2002
Aprovado em 22/10/2002

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada em 2000, no Primeiro Colóquio Latino-Americano de História da Enfermagem, na Escola de Enfermagem Anna Nery, com o título "História da Enfermagem: novas fontes, novas perspectivas".

² Historiadora. Doutora em História pela Universidade de São Paulo, Docente de História da Enfermagem na Faculdade Adventista de Enfermagem, São Paulo. Desenvolveu o projeto de Pós-Doutorado sobre os cursos para formação de parteiras e enfermeiras em São Paulo (1880-1971), no Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (1999-2000), com financiamento da FAPESP, tendo como supervisora a Profa. Dra. Maria Alice Tsunehiro.

³ Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo. Professor Doutor do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO

No Brasil, assim como em outros países, o processo de profissionalização da enfermagem não se deu somente com base na incorporação e divulgação da enfermagem moderna ou “anglo-americana”⁴. No entanto, essa é a versão encontrada na quase totalidade dos trabalhos sobre a História da Enfermagem Brasileira, nos últimos 80 anos.

Na virada do século XIX, os médicos brasileiros discutiram sobre a necessidade de formação de enfermeiras e enfermeiros, elaboraram projetos e criaram cursos, dada a necessidade que sentiam de pessoal treinado que estivesse a eles subordinados, que os substituíssem em determinadas tarefas e os auxiliassem no atendimento clínico e cirúrgico, em domicílio, hospitais civis e militares, asilos e hospícios, bem como nas campanhas de saneamento organizadas pelo governo.

Desse modo, no Rio de Janeiro, em novembro de 1890, foi criada a Escola Profissional de Enfermeiras e Enfermeiros, no Hospício Nacional dos Alienados, destinada a formar enfermeiros e enfermeiras para o serviço de hospícios e hospitais civis e militares.

Na década de 1910, a Cruz Vermelha iniciou cursos para formação de enfermeiras voluntárias e profissionais. Em 1917, a Policlínica do Botafogo inaugurou um curso para enfermeiras patrocinado por médicos que funcionou por vários anos (CURSO PARA ENFERMEIRAS, 1919, p.683-4).

Houve, ainda, outras tentativas de criação de cursos de enfermagem, mas ao que parece, só no início da década de 1920, a idéia foi concretizada (SANTOS, 1916, p.8, BATISTA; BARREIRA, 1997, p.35). Neste período em que o Departamento Nacional de Saúde Pública trouxe enfermeiras vinculadas à Fundação Rockefeller, de Nova York, para fundar no Rio de Janeiro uma escola, segundo o modelo norte-americano.

Na França, homens e mulheres empenharam-se na formação de enfermeiras e na abertura de diferentes tipos de cursos.

Segundo Danièle Senotier, no início do século XX, havia naquele país, enfermeiras formadas pela Cruz Vermelha. As alunas eram provenientes da elite, o curso era pago e recebiam uma formação moral, com destaque para o devotamento, disciplina e obediência aos médicos.

Havia, também, as enfermeiras formadas por escolas privadas, em geral, confessionais, como a do hospital protestante, de Bordeaux, fundada pela Doutora Hamilton,

inspirada no modelo das *nurses* inglesas. As alunas dessas escolas eram moças provenientes da burguesia, com sólida formação intelectual, identificadas com a filantropia. Possuíam a um só tempo o devotamento das religiosas e o conhecimento das práticas científicas.

Além disso, havia as enfermeiras formadas no setor público (Assistência Pública e cursos patrocinados pelos municípios), cujas alunas eram recrutadas em um meio social e cultural mais modesto, recebiam uma formação organizada pelos médicos e diplomavam-se em cursos de duração variada (oito meses ou dois anos). A autora relata que a relação entre essas enfermeiras não era cordial, em razão de muita rivalidade, troca de insultos, referiam-se umas às outras como “les putains”, da Assistência Pública; “les vaches”, da Cruz Vermelha. Não existia apenas diferença na formação profissional e na origem social, havia também na remuneração e nas condições de trabalho (SENOTIER, 1992, p.29-31, KNIBILIER, 1984).

Diferente da França, o início da enfermagem profissional no Brasil, anterior à criação da Escola de Enfermeiras Dona Anna Nery, é um tema pouco explorado pelos estudiosos da História da Enfermagem Brasileira. Cristalizou-se, assim, a imagem que esta seria a primeira e única escola de enfermagem capacitada para formar profissionais nas primeiras décadas do século XX⁵. A pesquisa em diferentes tipos de documentos – artigos publicados em jornais e revistas, anais de congressos, correspondência, necrológios, regulamentos, currículos e manuais, entre outros – apontou, porém, para a existência de uma série de escolas, destacando-se, entre elas, a da Cruz Vermelha Brasileira⁶.

Os principais objetivos deste artigo são: fornecer elementos para se repensar os primórdios da enfermagem profissional no Brasil; contribuir para o conhecimento das Escolas de Enfermeiras Cruz Vermelha Brasileira, sobretudo, a do Rio de Janeiro.

A análise de um livro didático foi privilegiada, dado o papel que essas obras têm na propagação dos princípios considerados fundamentais para a formação do aluno, na uniformização do conhecimento e na criação de uma determinada tradição de ensino. Trata-se de “O Livro do Enfermeiro e da Enfermeira para uso das pessoas que se destinam à profissão de enfermeiro e das pessoas que cuidam de enfermos”, de autoria do médico Getúlio dos Santos, publicado em 1916, que pode ser considerado o primeiro manual para o ensino de enfermagem profissional conhecido,

⁴ Enfermagem moderna, profissional, *nightingaliana* e anglo-americana são termos, freqüentemente, usados como sinônimos nos textos escritos por autores brasileiros.

⁵ Exceção seja feita aos trabalhos de CARVALHO, 1968, p.151-156, TELLES, 1963, p.153-159, MOREIRA, 1990, MOTT, 1999.

⁶ As pesquisadoras não tiveram acesso aos arquivos da Cruz Vermelha de São Paulo e do Rio de Janeiro. A documentação para este artigo foi pesquisada na Biblioteca Nacional, no Arquivo e Biblioteca da Escola Anna Nery, no Rio de Janeiro; nas Bibliotecas da Escola de Enfermagem, da Faculdade de Medicina, da Faculdade de Saúde Pública e da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, no Arquivo do Estado, no Arquivo do Jornal «O Estado de São Paulo», na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo; e via internet, no arquivo do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, em Genebra/Suíça. Aproveitamos para agradecer ao Comitê Internacional pela documentação que nos foi enviada pelo correio.

escrito por autor brasileiro⁷.

A CRUZ VERMELHA NO BRASIL

A Cruz Vermelha Brasileira (CVB) foi fundada em 1908, autorizada a iniciar as atividades pelo Decreto nº 2.380, 31 de dezembro de 1910, e reconhecida pela Cruz Vermelha Internacional em 1912⁸. A entidade tinha, entre outros objetivos, prestar diretamente, ou em auxílio ao Governo, socorros a feridos e enfermos e proteção aos necessitados em caso de calamidade pública, quando fossem insuficientes os recursos de defesas sanitárias habituais. Competia à diretoria promover e dirigir a instrução de seus auxiliares e fundar escolas de enfermeiras voluntárias e profissionais.

Em São Paulo, sob o patrocínio da médica Maria Rennotte, a Cruz Vermelha Brasileira fundou, ainda em 1912, cursos para formação de enfermeiras. No Rio de Janeiro, conforme já foi mencionado, foram criados na mesma década dois cursos para o sexo feminino. O primeiro deles iniciou-se em 1914 (a aula inaugural foi proferida no dia 20 de outubro), destinava-se à formação de voluntárias, recebia, em especial, alunas provenientes da elite. A duração era de um ano, as aulas eram teóricas e práticas, com estágio nos hospitais e serviços nos dispensários da entidade. Recebiam noções da anatomia, fisiologia, higiene, primeiros socorros, vacinação, moléstias em geral, inclusive, sobre epidemias, serviços de rouparia e cozinha. Ali estudaram, entre outras personalidades de destaque, Idália Araújo Porto Alegre e Edith de Magalhães Fraenkel.

O segundo começou a funcionar oficialmente em 20 de março de 1916, tinha por objetivo a formação de "enfermeiras profissionais" para trabalhar nos hospitais, casas de saúde e no domicílio (serviço privado) e destinava-se a moças, entre 18 e 35 anos, provenientes das camadas menos favorecidas.

As candidatas deveriam apresentar atestado de boa conduta, atestado médico, declarando não sofrer nenhuma moléstia contagiosa, passar por um exame de português (leitura e ditado) e de aritmética (quatro operações). O curso era gratuito, tinha a duração de dois anos. As aulas eram teóricas e práticas, ministradas por médicos, com exceção de economia doméstica. No primeiro ano, ensinava-se anatomia, fisiologia, higiene, assistência aos enfermos da

clínica médica; no segundo, assistência aos enfermos de clínica cirúrgica, assistência às mulheres e aos recém-nascidos, administração hospitalar e economia doméstica. As aulas práticas eram dadas em vários lugares, como no dispensário da CVB, na Santa Casa, no Hospital do Exército, na Policlínica Militar, na Santa Casa de Misericórdia, no Instituto de Proteção à Infância e na Maternidade das Laranjeiras. As alunas eram responsáveis por inúmeras atividades (serviços), como esterilização, limpeza dos objetos usados pelos doentes, curativos, costura e tudo mais que fosse determinado pelos médicos (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1918).

Por cerca de 30 anos (entre 1917-1945), a Escola de Enfermeiras da CVB do Rio de Janeiro foi dirigida por médicos⁹. Getúlio dos Santos (1881-1928) foi um dos principais professores e diretor da Escola por vários anos. Natural do Espírito Santo, tinha formação militar, era tenente-coronel e médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com especialização na Europa. Foi um batalhador pela causa da CVB. Além de ensinar nos dois cursos, foi Secretário Geral e Diretor do Instituto Médico, tendo participado de duas Conferências Pan-Americanas patrocinadas pela entidade (1924 e 1926)¹⁰.

Segundo Getúlio dos Santos, o motivo que o levou a escrever "O Livro do Enfermeiro e da Enfermeira (...)" foi a falta de literatura sobre o tema, bem como a inexistência no país de enfermeiros e enfermeiras capazes, com conhecimentos técnicos e práticos. O livro destinava-se aos alunos e professores, bem como a todos que fossem auxiliar o médico no tratamento dos doentes. Teve boa acolhida do público, visto ter sido reeditado três vezes, entre 1916 e 1928. Vale destacar que, antes de publicar o referido livro, o médico publicou um texto dirigido às alunas do curso Enfermeiras Voluntárias da Cruz Vermelha que, infelizmente, não foi localizado¹¹.

A IMAGEM DA ENFERMEIRA SOB A PERSPECTIVA DO MÉDICO

Para o médico, a profissão de enfermeira não existia no Brasil. Afirma que, até então, praticamente nada tinha sido feito a esse respeito. Explica que o título de enfermeiro era empregado para a designar qualquer indivíduo que

⁷ Outro manual foi publicado quatro anos mais tarde, para os alunos da Escola Profissional de Enfermeiras e Enfermeiros do Hospício Nacional dos Alienados: POSSOLO (1920). O livro também teve boa repercussão, sendo reeditado cinco vezes: 1920, 1930, 1936, 1939, 1942. Adolpho Possolo possuía formação médica e militar, foi chefe do serviço de Cirurgia do Ambulatório Rivadavia Corrêa, livre-docente de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, capitão médico do Regimento Policial do Estado do Rio (1892-1893), cirurgião efetivo da Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro (1903-1910), cirurgião e diretor da Colônia e Cirurgião de Vargem Alegre. Participou dos estudos e construção do primeiro automóvel ambulância do Rio de Janeiro. Segundo ele mesmo afirma, seu interesse pela formação de enfermeiras datava de muitos anos, desde 1905, tendo até mesmo feito uma conferência sobre o tema na Associação da Escola de Comércio do Rio de Janeiro.

⁸ A entidade foi fundada em 1863, em Genebra, na Suíça, a partir do empenho de Henri Dunant, que participou da batalha de Solferino na Itália, com o objetivo de providenciar socorro não partidário para feridos de guerra. Posteriormente, o programa de atividades ampliou-se, incluindo a ajuda a vítimas de desastres e calamidades públicas (1907) e prisioneiros de guerra (1929).

⁹ Uma questão que merece ser investigada é se a exclusão ou pouca importância dada à Escola da Cruz Vermelha, pelas enfermeiras norte-americanas da Missão Parsons, não estaria relacionada, em parte, ao fato da direção estar na mão de médicos.

¹⁰ Ele também se interessou pela política, tendo se candidatado, algumas vezes, inclusive para presidência do Estado (NECROLOGIA, 1929, p.22-3).

¹¹ Na bibliografia, verifica-se que o livro tinha o título de Lições do Curso Prático de Enfermeiras Voluntárias (SANTOS, 1916, p.407).

trabalhasse em hospitais, “alguns dotados da maior dedicação, outros muito abnegados e todos sem a menor instrução que a carreira requer” (p.8). “Outros, pela audácia e intervenções contra-indicadas, concorriam para agravar os males, retardavam a cura, concorrendo, inclusive, para desfechos fatais” (p.11). No exército, embora houvesse o título e o cargo, não havia escolas, o recrutamento era feito por concurso, concurso esse que não tinha condições de ser rigoroso dada a deficiência de estudo dos candidatos.

Apresenta uma imagem bastante desfavorável do trabalho das enfermeiras tradicionais e das Irmãs de Caridade, que pode ser lida como reflexo das mudanças que vinham ocorrendo na prática médica e nos hospitais. Na clínica civil e privada, diz o médico, a profissão era exercida por mulheres maduras, curiosas, antigas serventes ou mulheres inválidas, imprestáveis para qualquer outro serviço, sem noções de higiene pessoal, possuindo apenas rudimentos da prática de cuidar de enfermos. Não eram enfermeiras na acepção do termo. Eram velhas, “falta-lhes o viço e a fortaleza da mocidade” (p.8) o que acabava por colocar em risco a reputação do médico¹².

Quanto às Irmãs de Caridade, que desempenhavam atividades administrativas e de enfermagem nos hospitais, ele se mostra veementemente contra, considerando o trabalho falho. Embora as religiosas se incumbissem de fazer cumprir à risca as determinações que lhes eram feitas, como a disciplina da enfermaria, a distribuição das dietas, de medicamentos, das roupas, do trabalho das serventes, etc., não as considerava como enfermeiras pela falta de formação. Mesmo assim – indignava-se o médico –, elas atuavam como enfermeiras! “Não raro é se ouvir nos nossos hospitais a revelação surpreendente de que a Irmã tal ajuda a anestesia, assiste as operações, etc.” (p.225). Mas, a falta de formação, segundo os novos princípios não era o único problema apontado. O fato de fazerem voto de obediência à congregação, de não terem independência face à religião, comprometia a lealdade que deveriam ter aos médicos (p.224-5).

Ainda que o título do livro se destinasse à formação de enfermeiros e enfermeiras, o sexo feminino era preferido, em razão da crença em uma natureza específica, determinando qualidades inerentes a cada um dos sexos. Para ele, os homens só deveriam ser admitidos nos manicômios e hospitais militares. Atribuía aos representantes do sexo masculino uma ambição sem limites, o que facilmente poderia levar a extrapolar suas funções. A educação teórico-prática, mesmo que modesta, era fornecida aos alunos, e a posse do diploma de enfermeiro acabaria por fomentar, desenvolver e facilitar a prática do curandeirismo e o número de charlatões. A mulher, diferentemente do homem, era vista como “mais modesta em suas aspirações”, tendo campos de ação bem mais limitados e por ser de natureza passiva, era capaz de exercer a profissão sem sair de suas atribuições. Outro motivo, para sua preferência pelas enfermeiras, era por considerar a assistência dos que sofrem como sendo uma atribuição feminina “desde sempre”, uma vocação natural das mulheres, “como mãe e filha, e a única

compatível com a abnegação, o zelo e a fidelidade das representantes do sexo fraco” (p.11). O médico esperava recrutar enfermeiras entre as mulheres com formação elementar e que precisassem ganhar a vida honestamente (p.14, 21).

Ao lado das qualidades vistas como femininas que fariam das mulheres melhores enfermeiras, Getúlio dos Santos traça o perfil físico, intelectual e moral da enfermeira ideal. Deveria ser robusta “a fim de suportar o trabalho sem prejudicar a saúde e suportar trabalhos, às vezes, fatigantes, como vigílias prolongadas” e ter aspecto saudável; ter instrução suficiente para que compreenda facilmente os ensinamentos que lhe forem ministrados, de maneira a poder aplicar inteligentemente o que lhe for determinado pelo médico; ter verdadeiro gosto pela profissão e não apenas curiosidade de pequenos detalhes para prestar cuidado aos que sofrem (p.15). Do ponto de vista moral, deveria ter calma, precisão, atenção, espírito de observação, regularidade, rapidez de conteúdo, atitude reservada e afetuosa, coragem e devotamento, vencer a repulsa em relação à morte. Deveria acostumar-se “a ver sangue, freqüentar sala de operação nos hospitais e habituar-se com as pequenas misérias repugnantes a fim de libertar-se da cara de nojo e compaixão”. Deveria ter asseio e honestidade, disciplina, obediência, respeito aos superiores, nunca extrapolar suas funções, bem como adquirir conhecimentos técnicos, educar-se e apurar o espírito de observação (p.19-20).

O médico ensina os mandamentos que deveriam fazer parte da cartilha da boa enfermeira (p.17-18):

1. Ter bom temperamento, esforçar-se por ter bom gênio, paciência e calma;
2. Ser amável e delicada, desvelada, corajosa e disposta a suportar sacrifícios e dissabores, por vezes, inevitáveis na presença de enfermos, cujas impertinências são sempre justificáveis;
3. Junto dos enfermos não mostrar indiferença na expressão da fisionomia; eles são impressionáveis e sabem ler nos olhos dos que os cercam, tudo o que lhes diz respeito...
4. Mão leve e firme, caráter decisivo, obediente, respeitosa e pontual;
5. Não falar ao enfermo como chefe ou superior, e sim, como guia amigo e bondoso; uma palavra amável, um sorriso, evitam, às vezes, a cólera e a explosão de violências;
6. Evitar o excesso de familiaridade ou a intimidade demasiada com os enfermos, ser sua servidora com autoridade e afeto;
7. Não ser muito apressada nem muito vagarosa e desajeitada, más qualidades que dão ao enfermo uma impressão dolorosa;
8. Sendo discreta em relação ao doente, falar sempre a verdade para merecer a confiança de todos;
9. Não falar demais, não tratar de sua saúde com os enfermos, respeitar os companheiros de trabalho e guardar o segredo profissional;
10. Mostrar sempre satisfação em prestar qualquer

¹² O perfil das enfermeiras tradicionais, conforme apresentado pelo Getúlio dos Santos deve ser repensado. Nas últimas duas décadas, “os tempos negros da enfermagem” e “Sarah Gamp” vêm merecendo uma revisão na bibliografia internacional. Veja-se, por exemplo, o trabalho de Dingwall, Rafferty e Webster (1991).

Os cursos de enfermagem...

serviço aos enfermos, atender com indulgência as reclamações, tendo em consideração que “deixamos de ser os mesmos quando a dor física nos domina”.

Os defeitos que poderiam manchar a imagem da boa enfermeira conforme alertava, eram a pretensão, a indiscrição, o excesso de intimidade com o doente. Condenava as sabichonas, as faladeiras e aquelas que recebiam gorjetas (p.228).

O CURSO DE ENFERMAGEM

Os ensinamentos propostos por meio dos 12 capítulos do livro estão em consonância com o programa da Escola Profissional de Enfermeiras da CVB do Rio de Janeiro¹³. A destacar: considerações sobre a profissão do enfermeiro e higiene; noções de anatomia e de fisiologia; temperatura, pulso, respiração e exame de urina; instrumentos cirúrgicos e procedimentos na cirurgia; esterilização e anestesia; curativos e aparelhos; administração hospitalar; prescrições médicas; cuidados gerais aos enfermos; socorros médico-cirúrgicos de urgência; cuidados com as mulheres grávidas; cuidados com enfermos de doenças mentais¹⁴.

Para Getúlio dos Santos, essas informações deveriam ser transmitidas de forma prática. O curso deveria ser teórico-prático, nunca somente teórico “para não resultar num profissional divagador e abstrato”. Tanto nas aulas quanto nos livros, professores e autores deveriam ser o mais claro possível para se fazer entender (p.14).

Grande atenção era dada à higiene seja pessoal, no cuidado do doente, como do hospital, em geral (enfermarias, salas, instrumentos, etc.) (p. 21-37). Se olharmos a partir de um referencial atual, algumas noções de higiene corporal propostas seriam consideradas básicas, como por exemplo, a necessidade de tomar banho todos os dias, a descrição dos tipos de banho (chuveiro, banheira), o uso de sabonete, a troca regular de roupa de cama. Não se pode esquecer que, até o início do século, o banho era ainda utilizado de forma terapêutica e não higiênica, visto acreditar-se que a água tirava as forças, a energia do corpo. Por outro lado, muitos bens de consumo, hoje de fácil acesso e baratos, tais como: o sabonete e pasta de dente eram desconhecidos pela grande maioria da população. Até mesmo alguns médicos não aderiram à medicina “pasteuriana” de imediato, relutaram em acreditar no papel dos micróbios como agente causador das doenças e incorporar princípios de assepsia e anti-sepsia em sua prática.

No que diz respeito à anatomia e à fisiologia, o médico alertava ao professor para que houvesse melhor aproveitamento por parte dos alunos, era necessário restringir as lições a informações básicas. O enfermeiro precisava, segundo o médico, apenas de algumas noções, o

indispensável para compreender de forma inteligente as determinações clínicas. Em outras palavras, para que o aluno ao ouvir falar de fratura do temporal, por exemplo, não ficasse imaginando uma lesão nas pernas e, soubesse, que o temporal era um osso par do crânio... Um estudo mais extenso poderia desvirtuar a finalidade do curso, lembrando que os enfermeiros nunca deveriam ser “substitutos dos médicos, e sim, seus auxiliares e colaboradores” (p.39-40). Vale destacar que a análise das ilustrações, certamente, reflete a maneira de pensar do médico: das 143 incluídas no livro, apenas três referem-se à anatomia e fisiologia do corpo humano, as 140 restantes privilegiam o instrumental e os procedimentos utilizados.

Os enfermeiros e enfermeiras deveriam ser preparados para atuar em várias áreas, sempre de acordo com a orientação do médico. Além da higiene do paciente, eram responsáveis por uma série de atividades, restritas até pouco tempo antes aos médicos, como a verificação de sinais vitais (temperatura, pulso, respiração e pressão arterial pelo tato). Na época, não lhes era facultado o uso do estetoscópio. Realizavam determinados exames de laboratório, como verificar a presença de albumina na urina. Faziam e distribuíam dieta – daí a importância dos conhecimentos adquiridos pelas mulheres nolar –, aplicavam diferentes tipos de medicamentos (internos e externos) – pílulas, poções, injeções hipodérmicas e intravenosas. Realizavam curativos, lavagens, fomentações, sinapismo, pedilúvio, ventosas, vomitivos, sanguessugas (prática anteriormente realizada por pessoas especializadas e por barbeiros - p.258) e colocavam sonda vesical.

Getúlio dos Santos afirma que muitas senhoras, mesmo quando esse procedimento era feito por uma enfermeira, tinham um pudor que ele considerava “desmedido”. Exigiam que a sondagem fosse feita pelo tato, tendo um lençol a cobri-las completamente. Alertava que essa sondagem às cegas poderia ser feita, mas dependia de muita prática, mesmo assim corria-se o risco de machucar e contundir a paciente. No que se refere à sondagem masculina, deveria ser feita por enfermeiros. A enfermeira só deveria fazê-la em caso de muita urgência e em uretras normais (p.283-285).

Nas cirurgias, enfermeiros e enfermeiras eram responsáveis pela assepsia do doente; pelo preparo e assepsia do material cirúrgico e do local onde ia ser realizada a operação, tanto no hospital como no domicílio; pelo controle dos instrumentos e artigos usados na cirurgia; pelo suprimento das necessidades da equipe. Eram eles e elas que eram encarregados de transportar o paciente à sala de operações, auxiliar na anestesia e controlar o anestesiado, bem como acompanhar o pós-operatório (p.308-323).

Nos partos, o papel da enfermeira estava restrito a arrumar o local onde a mulher daria à luz, já que a maioria

¹³ Programa do Curso de Enfermeiras Profissionais: 1º ano, 1ª cadeira – Anatomia, Fisiologia; Higiene, 2ª cadeira – Assistência aos enfermos de Clínica Médica; 2º ano, 3ª cadeira – Assistência aos enfermos na Clínica Cirúrgica, 4ª cadeira – Assistência às mulheres grávidas e aos recém-nascidos, 5ª cadeira – Administração hospitalar e economia doméstica (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1918, p.9).

¹⁴ Comparando-se o programa da Escola e o índice do livro pode ser verificado que, embora Getúlio dos Santos reconheça a importância da Economia Doméstica na formação de enfermeira, esta recebeu pouca atenção em seu livro. Talvez pelo fato da cadeira não dizer respeito aos médicos, mas às atribuições domésticas femininas, da alçada das mulheres, tanto assim que era ministrada na Escola, por uma professora.

dos partos era realizado em domicílio, a preparar a parturiente (dar banho e lavar os genitais), bem como dar apoio emocional. Sua atuação estava subordinada ao médico ou à parteira, devendo atuar como auxiliar. No entanto, era a enfermeira quem deveria cuidar da mulher parida no pós-parto e permanecer a seu lado nos dias seguintes. Os cuidados das crianças pequenas, inclusive, dos recém-nascidos também faziam parte de suas atribuições (dar o banho, retirar a mucosidade da boca, lavar os olhos e pingar suco de limão ou nitrato de prata, cuidar da amamentação) (p.361-377).

Explica Getúlio dos Santos que seu livro tinha como principal objetivo a instrução do **enfermeiro profissional** e como este “naturalmente iria servir nos hospitais”, acreditava ser necessária a inclusão de informações sobre administração hospitalar. Assim, eram consideradas como atribuições da enfermeira: o registro e matrícula do acidentado com traumatismo ou coma; o controle da roupa do enfermo que entrava no hospital e o envio para a estufa de desinfecção; a escrituração dos serviços da enfermagem; o preenchimento dos mapas do movimento da enfermagem (o número de doentes existentes, dos que tiveram alta, dos falecidos), dos livros de registro, das papeletas (receituário, dieta, diagnóstico, intervenções realizadas no paciente); a verificação da necessidade de reposição de material (p.224-233).

Ao enfermeiro, competia também acompanhar o médico na visita diária, segundo um ritual pré-determinado, prestando-lhe as necessárias informações. Deveria atuar como uma espécie de “olho do médico” e da administração (p.233), seja no controle dos sintomas e marcha da doença, como de vários aspectos do cotidiano do hospital. Era sua função percorrer as enfermarias para observar detidamente os doentes, manter a disciplina e levantar o moral dos deprimidos.

No caso de qualquer perturbação da ordem ou distúrbio, competia à enfermeira comunicar primeiro à enfermeira-chefe ou ao enfermeiro-mor, depois à religiosa ou ao médico interno. Nos dias de visita, era recomendado que ficasse atenta a tudo o que ocorresse no hospital, para que nada entrasse fora de seu controle e fosse dado ao doente. Nenhum instrumento, medicamento, espécie de alimento, nem peça de roupa poderia ser retirada sem o competente recibo. Deveria também exercer a vigilância do serviço dos serventes de limpeza.

Esperava-se que a enfermeira acompanhasse os moribundos nos últimos momentos. Deveriam evitar que outros enfermos ficassem impressionados com as mortes ocorridas no hospital, providenciar a transferência para o necrotério e prestar os últimos cuidados aos mortos (p.354-5).

No que se refere à prevenção, deveriam atuar como educadores, divulgando os perigos da sífilis, tuberculose e álcool. Cita Getúlio dos Santos: “Aos enfermeiros, depois do médico, é que cabe essa missão dignificante e humanitária de aconselhar medidas higiênicas nesse particular, lembrando aos inexperientes e leigos os perigos a que se acham expostos e a que expõem a sua prole em gerações subsequentes” (p. 240).

Para o autor, a enfermeira era uma auxiliar do médico e não poderia extrapolar suas funções, devendo a ele

obediência absoluta, bem como lealdade. Em determinadas condições, no entanto – como mudança da sintomatologia, ou em casos de urgência – poderia agir, de acordo com os seus conhecimentos e tomar algumas iniciativas até a chegada do médico. Médico e enfermeira são apresentados como sendo igualmente necessários para a cura do doente, havendo, porém, uma nítida divisão de tarefas. Ao médico, competia o trabalho intelectual, ou seja, o diagnóstico e a cura – considerados a parte mais difícil; e à enfermeira, cabia os trabalhos manuais, tais como a aplicação do tratamento e os cuidados “mais íntimos do enfermo”. (p.17).

No que se refere ao regime de trabalho, o autor informa que havia variações de acordo com os hospitais, sendo obrigação da enfermeira conhecer o regimento da instituição. Relata que havia uma tendência que chama de “moderna” em “estafar o menos possível a pessoa encarregada da guarda de enfermos”. O ideal seria um regime de trabalho de quatro a cinco horas seguidas no máximo, durante o dia. À noite, a enfermeira poderia repousar em um leito colocado na própria enfermagem, e os hospitais possuíam serventes de ronda para qualquer chamado de serviço. O médico ensina ainda que a enfermeira deveria respeitar o segredo profissional “sobre tudo que vir e ouvir no recesso dos hospitais”, sob pena de ser punido pelas leis do Código Penal (p.229).

Como, então, seria esse novo enfermeiro que o professor da Escola de Enfermeira Profissional da Cruz Vermelha pretendia formar? Seria mulher entre 18 e 35 anos; sem vínculo com qualquer congregação religiosa, pois não desejava enfermeiras que tivessem outro referencial que não o prescrito pelo médico; de origem modesta, das camadas de pouco prestígio social – diga-se de origem diferente, inferior da maioria dos médicos; com instrução elementar, formação teórico-prática, segundo os critérios estabelecidos pelos médicos; impregnada de princípios de higiene, uniformizada, disciplinada, atenta, conhecedora dos limites de atuação, submissa ao médico, de uma fidelidade e devotamento a toda prova, a ponto de jamais questionar hierarquia e poder, treinada, enfim, para trabalhar como auxiliar do médico, nos hospitais, casas de saúde, asilos, hospícios e domicílio.

CONTRIBUIÇÃO PARA A ENFERMAGEM BRASILEIRA

Alguns autores identificam diferentes etapas no processo de profissionalização, destacando-se, entre elas, a formação específica, prática e teórica, obtida em uma instituição de ensino; o exercício em tempo integral; a existência de um suporte legal; e a formação de associação de classe (SOARES, 1997, p.17-8). O curso de Enfermeiras Profissionais da CVB do Rio de Janeiro não foi uma tentativa efêmera, funcionou por décadas e formou um contingente considerável de enfermeiras. No biênio 1924-1926, tinha 52 alunas matriculadas. Segundo Irmã Marta Telles, entre 1917 e 1960, diplomaram-se 427 alunas. Possuía um programa e um currículo explicitando as finalidades, objetivos, matérias, metodologia, conteúdos e formas de avaliação. Havia um manual para apoio, com informações sistematizadas destinadas às alunas e professores. Vale lembrar que o tipo de formação de enfermeira profissional fornecido às alunas já tinha uma tradição na enfermagem, estando em consonância com o de muitas escolas criadas e dirigidas

por médicos, e em outros países, como na Argentina, Portugal e França¹⁵.

Há informações que, no período, não faltou trabalho para as enfermeiras formadas pela escola da CVB (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p.312). Numa publicação da entidade, diz o autor:

As assistentes que atualmente diplomamos e as especializadas em determinados ramos de curar, ao contrário, têm sempre trabalho, pois além dos vários hospitais e casas de saúde que utilizam seus serviços, há o trabalho a domicílio que é cada vez mais intenso.

Ressalta ainda o papel da escola na formação de uma mão de obra mais qualificada, elogia a feliz iniciativa da CVB ao fundar a Escola de Enfermeiras Profissionais no Rio de Janeiro, afirmando que foi "a mais segura propaganda para a extinção das antigas comadres ou entendidas que atendiam aos doentes em domicílio como auxiliares dos médicos" (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p.12-3).

A documentação também aponta para a importância das ex-alunas. Pode-se afirmar que algumas, entre elas, tiveram reconhecimento nacional e internacional, sendo inclusive incorporadas pela Escola de Enfermeiras Dona Anna Nery, como Edith de Magalhães Fraenkel. Nascida no Rio de Janeiro, em 1889, pertencia a uma família de elite, tendo vivido vários anos na Europa, onde iniciou os estudos. No Brasil, formou-se professora e, em 1918, ingressou no curso de Enfermeiras Voluntárias da CVB do Rio de Janeiro e colaborou na assistência aos doentes, durante a epidemia de gripe espanhola. Em 1920, engajou-se como visitadora na campanha desenvolvida pelo Departamento de Saúde Pública para a profilaxia da tuberculose. Em 1922, foi para a Filadélfia, nos Estados Unidos, onde fez um curso de enfermagem de três anos. De volta ao Brasil, entre outras atividades, foi instrutora e coordenadora da Escola Anna Nery, presidente por vários anos da Associação Brasileira de Enfermagem, enfermeira-chefe do Departamento Nacional de Saúde Pública, e, no final da década de 1930 e início da de 40, foi escolhida para organizar a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e o Serviço de Enfermagem do Hospital das Clínicas (CARVALHO, 1980, p. 37-40).

Já Idália Araújo Porto Alegre é um nome menos conhecido. Nascida no Rio de Janeiro no dia 24 de janeiro de 1888, estudou na Inglaterra e Bélgica. De volta, participou da fundação da Seção Feminina da CVB do Rio de Janeiro, inscreveu-se na Escola de Enfermeiras Voluntárias. Recebeu o diploma em 1915; em 1917, foi nomeada professora da Escola de Enfermeiras Profissionais. Trabalhou pelos soldados feridos na Guerra (1914-1918), angariando fundos e remetendo donativos, recebendo por isso a Medalha Rainha

Elizabeth. Durante a epidemia da gripe espanhola em 1918, trabalhou no hospital provisório criado pela entidade. Em 1921 foi requisitada pelo governo para criar um dispensário de tuberculose, quando contraiu a doença. Ao se recuperar, voltou a trabalhar na entidade. Foi Enfermeira-chefe da Policlínica do Instituto Médico Cirúrgico da CVB e, em 1927, recebeu a importante Medalha Florence Nightingale, atribuída pela primeira vez a uma enfermeira da América do Sul, pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha, em Genebra¹⁶.

Por intermédio da documentação, verifica-se ainda que a CVB não esteve alheia à luta pela melhoria e uniformização do ensino, pelo reconhecimento da Escola pelo governo, bem como pela criação de um órgão de classe¹⁷. No dia 7 de outubro de 1918, O Estado de São Paulo trouxe uma notícia que merece uma pesquisa mais detalhada. Naquela data, o jornal informava que, no dia 25 de setembro, tinham se reunido na sede da CVB, em São Paulo, cerca de 15 enfermeiras diplomadas e práticas "tomando-se a decisão de se fundar uma sociedade para a defesa dos interesses da classe". Uma semana depois, foi realizada uma nova reunião quando elegeram as seguintes enfermeiras para a direção da nova sociedade: Fanny Geise, para presidente, Elizabeth Sutherland, para vice e, Henriqueta dos Santos, para secretária. Teria sido a primeira entidade de classe de enfermagem do Brasil? Quanto tempo funcionou? Que conquista alcançou?

As Escolas de Enfermeiras da CVB contribuíram de forma efetiva para o processo de profissionalização da enfermagem no Brasil, tendo deixado um legado importantíssimo. Criaram cursos para formação de mão de obra especializada que forneceram profissionais capacitadas para um mercado de trabalho em expansão, inclusive, para as campanhas desenvolvidas pelo governo e aos serviços criados em períodos críticos, como o da gripe espanhola (1918). Suas escolas formaram profissionais consideradas qualificadas, algumas, entre elas, de prestígio nacional e internacional. As alunas e os professores da escola preocuparam-se com a institucionalização do ensino e a criação de uma organização de classe para defesa dos interesses da categoria.

Para terminar, gostaríamos de mencionar mais uma informação omitida, talvez por ser desconhecida, na bibliografia sobre os primórdios da enfermagem profissional no Brasil. Por meio das páginas da Revista Syntriaca (A MEDALHA FLORENCE NIGHTINGALE, 1927, p. 86-7) verifica-se que a Escola de Enfermeiras da CVB, do Rio de Janeiro, pelo menos, no início dos anos 1920, chamava-se Anna Nery. Escreveu o redator que o Brasil possuía uma heroína a altura de Florence Nighthingale. Tratava-se de Anna Nery.

¹⁵ Esta afirmação baseia-se nas referências bibliográficas utilizadas por Getúlio dos Santos, bem como na análise dos manuais feita por Knibilier em 1984, Collière em 1989 e Soares em 1997.

¹⁶ Esta medalha foi atribuída pela primeira vez em 1912 pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha (DOLAN et al., 1983, p.185). Sobre a premiação de Idália Araújo Porto Alegre, ver: A MEDALHA FLORENCE NIGHTINGALE, 1927, p. 86-7; Correspondência entre A. Ferreira do Amaral da Cruz Vermelha Brasileira e Gustave Ador, do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, Genebra, datadas de 9 de março de 1927 e 24 de agosto de 1927 (Arquivo do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, Genebra). Vale destacar que mais uma aluna, Irene de Miranda Cotegipe Milanez, recebeu a Medalha Florence Nighthingale (TELLES, 1963, p.157).

¹⁷ "A Sociedade da Cruz Vermelha procurará obter a confirmação do governo a confirmação oficial sobre os diplomas expedidos pela Escola" (LIBERO, 1918, p.94-101); Sobre a uniformização de ensino das Escolas da CV. ver: SANTOS, 1926.

Cruz Vermelha Brasileira deu o seu nome à Escola de Enfermeiras que mantém, e a 26 de maio de 1925 em sessão solene em sua glorificação, inaugurou no salão de honra do edifício que ora está levantando na praça Vieira Souto (...) o culto desta heroína já instituído em São Paulo.

Ou seja, no Rio de Janeiro, num mesmo período teriam existido duas escolas com o mesmo nome?

Esta informação e outras questões levantadas no decorrer da pesquisa, certamente, poderiam ser mais aprofundadas se nos tivessem sido franqueados os arquivos da CVB do Rio de Janeiro e de São Paulo. Segundo relato obtido junto à diretoria, este último desapareceu num incêndio. Acreditamos que a preservação dos acervos da CVB e a socialização de seus conteúdos não dizem respeito somente à história quase secular da entidade no país, mas à História da Enfermagem, da Prática Médica, da Saúde Pública e da Filantropia no Brasil. Daí a necessidade de que algo seja feito o mais rápido possível para que a documentação não seja devorada por fungos, baratas e cupins e, o que é pior, destruída pela negligência humana¹⁸.

REFERÊNCIAS

- A MEDALHA FLORENCE NIGHTINGALE. *Revista Syniátrica*, v.20, n.5-6, p.86-7, maio/jun. 1927.
- BATISTA, S.S.; BARREIRA, I.A. **A luta da enfermagem por um espaço na universidade**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.
- CARVALHO, A. C. de. Histórico da Escola de Enfermagem Lauriston Job Lane. *Revista Brasileira de Enferm.*, Brasília, n. 2, 3, p.151-156, abr./jun. 1968.
- CARVALHO, A.C. de. **Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo**. Resumo Histórico-1942-1980. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 1980.
- COLLIÈRE, M.F. **Promover a vida**: da prática das mulheres de virtude aos cuidados de enfermagem. Lisboa: Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, 1989.
- CRUZ VERMELHA BRASILEIRA. **Estatutos da Escola de Enfermeiras**. Programas dos Cursos Profissional e das Enfermeiras Voluntárias. Rio de Janeiro: Typ. do Comércio, 1918.
- CRUZ VERMELHA BRASILEIRA. **Histórico da Cruz Vermelha Brasileira (1908-1923)**. Rio de Janeiro: Cruz Vermelha, 1923.
- CURSO PARA ENFERMEIRAS DA POLICLÍNICA DO BOTAFOGO. *Archivos Brasileiros de Medicina*, v.9, n.1, p.683-4, ago. 1919.
- DINGWALL, R.; RAFFERTY, A.M.; WEBSTER, C. **An introduction to the social History of Nursing**. Great Britain: Billings & Sons, 1991.
- DOLAN, J.A. et al. **Nursing in Society**. A historical perspective. Philadelphia: Saunders Company, 1983.
- KNIBILIER, Y. **Cornettes et blouses blanches (1880-1890)**. Paris: Hachette, 1984.
- LIBERO, J. Das escolas de enfermeiras. Trabalhos do Primeiro Congresso da Cruz Vermelha. **O Estado de São Paulo**, 1918.
- MOREIRA, A. **Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – 100 anos de História**. Rio de Janeiro, 1990. 476 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.
- MOTT, M.L. Revendo a história da enfermagem em São Paulo (1890-1920). **Cadernos Pagu**, n.13, p.327-55, 1999.
- NECROLOGIA. Getúlio dos Santos. **Brasil-Médico**, v.43, n.1, p.22-3, 5 jan. 1929.
- POSSOLO, A. **Curso de Enfermeiros**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1920.
- SANTOS, G.F. **O Livro do enfermeiro e da enfermeira para uso das pessoas que se destinam à profissão de enfermeiro e das pessoas que cuidam de enfermos**. Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Comércio, 1916.
- _____. **Da uniformização do ensino das Enfermeiras da Cruz Vermelha**. Memória apresentada na Conferência Pan-Americana da Cruz Vermelha 2. Arquivo do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, 1926.
- SENOTIER, D. Cents ans de professions. In: KERGOAT, D. et al. **Les infirmières et leur coordination (1988-1989)**. Paris: Ed. Lamarre, 1992. p. 29-31.
- SOARES, M.I. **Da blusa de brim à touca branca**. Contributo para a História do Ensino da Enfermagem em Portugal (1880-1950). Lisboa: Educa - Associação Portuguesa de Enfermeiros, 1997.
- TELLES, Irmã M. Histórico da Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira. *Rev. Bras. de Enferm.*, Brasília, n.3, p.153-159, abr.1963.

¹⁸ Pelas informações do trabalho de TELLES, 1963, p.153-9, verifica-se que os arquivos da entidade, no Rio de Janeiro, continham informações preciosas sobre suas escolas.